



Lançamento do livro “Reflexões em tempos de Pandemia - Discurso Porto

Nesta mesma sala da Sede Regional do Norte da OM, situada na cidade onde nasci há cerca de 63 anos, onde tenho as minhas raízes e onde vivem e trabalham muitos familiares, amigos e colegas de profissão, ao discursar a meio do mês de Fevereiro do ano transato, aquando da cerimónia de apresentação do Livro “A Relação Médico-Doente”, de que fui coautor e editor, e, para o qual trabalhei afincadamente durante dois anos quase sem parar, no preciso dia a seguir ao diagnóstico dos primeiros dois casos de infeção por SARS CoV-2, efetuados em doentes internados em Hospitais da mesma, lembro-me bem, como refiro algures num dos seus textos, que, ao olhar para os que a presenciavam sentados na plateia, ter pensado de mim para mim: *“Isto pode muito bem ser a última vez que aqui venho. Não sei se a cerimónia estivesse programada para ser realizada daqui a uma semana, não teria que ser adiada sine die, pois só me vinham à ideia as aterradoras imagens televisivas que retratavam o caos que se vivia nos hospitais da China, de Itália e até já nos da vizinha Espanha. A que juntei as angustiantes perguntas: se tal ocorrer em Portugal, com aquela intensidade, talvez não venhamos a ter capacidade para resistir, e, se eu vier a ser contaminado, o que me acontecerá?”*.

A verdade é que muitos dos “bastidores” da feitura daquele livro estão descritos neste que daqui a pouco irá ser apresentado por Vera Santos, uma prima minha que é licenciada em filosofia e se dedicou ao ramo da psicologia educacional, e, por António Sarmiento, um querido amigo e

colega, reconhecido infeciologista e intensivista, Diretor do Serviço onde os primeiros doentes foram tratados, e que, por isso, apesar de ser um dos seus coautores também, se viu impedido de aqui comparecer. O que, podendo ser um motivo adicional de interesse para os restantes autores, e, mesmo, para os seus eventuais leitores, só reforça a mensagem principal de ambos: o da indispensabilidade da humanização no relacionamento entre as pessoas do médico e a do doente, no estrito respeito pela ética e pela deontologia médicas, qual corporização da trave mestra onde deve assentar o exercício profissional deste inolvidável e milenar mister, fundamentos que, tendo origem em Hipócrates, têm também, no Porto, importantes esteios que importa aqui recordar, como sejam os casos de Abel Salazar e de Corino de Andrade, entre outros, que deixaram a sua indelével marca na História da Medicina do nosso País.

Não foi, assim, por mero acaso que, para escrever os textos da capa deste meu novo livro, encolhi quatro personagens do seu meio médico: O atual Bastonário, que encerrará esta cerimónia, não só por uma mera questão do cumprimento de uma simples obrigação protocolar, e, por mera gentileza de relacionamento entre colegas, mas, sobretudo, por considerar que o modo como tem exercido os seus dois mandatos vai muito ao encontro dos princípios que atrás referi; ao Professor Walter Oswald, por sempre o ter considerado um exemplo no que ao ensino da ética diz respeito, embora, igualmente, por ter ouvido falar de si várias vezes há algumas décadas atrás, quando a mãe da Ana, minha esposa e colega aqui presente, a saudosa D^a Maria do Carmo, um dos melhores seres humanos que jamais conheci, qual personificação da mais genuína bondade, nos contava com alegria incontida, o quanto os convites dos seus padrinhos lhe davam acesso a saborear, por alguns inesquecíveis momentos, a libertação do espartilho que representava o colégio de freiras onde viveu alguns anos, depois de ter ficado órfã pouco depois a ter nascido, e, em como os bailes que aqueles organizavam na sua casa das Antas, e, eram frequentados, entre outros, pelo ex^o colega Walter, lhe atenuavam esse sentimento de frustração de um dia-a-dia feito de espartanas rotinas que a sua jovial e espontânea irreverência questionava com naturalidade a cada instante.

Quanto aos outros dois colgas, Castro Ribeiro e Rocha Marques, a quem dediquei o discurso a que aqui já fiz referência, limitar-me-ei a repetir o que então escrevi: *“que muito me influenciaram no meu trajeto de vida,*

pois com ambos aprendi o real significado da lealdade no comportamento, da verticalidade no carácter, da coerência nos princípios, a enorme valia da solidariedade, bem como a decisiva importância, para o desempenho profissional, da manutenção de uma capacidade de entrega, sem reservas, ao nosso semelhante e às grandes causas da Humanidade". O primeiro, médico cardiologista, foi o maior amigo do meu pai e com os seus filhos (a mais velha, a Isabel, também médica), convivi na minha infância, como se fossem meus irmãos de sangue, e, com o segundo, meu colega das mesmas especialidades que tenho, Medicina Interna e Infeciologia, tive infindáveis conversas acerca das pandemias que já assolaram a Humanidade desde os alvares das antigas civilizações, ambos convictos que, um certo dia, nos iríamos confrontar com uma nova, só que, sem qualquer de nós ter conseguido prever, com a necessária exatidão, a que agora nos tolheu de chofre, tal como das nefastas consequências com que presentemente nos confrontamos.

Muitos dizem que as gentes do Porto têm como traço de carácter predominante uma indomável inconformidade para com as injustiças e para quem delas é responsável. Tal ficou exarado para sempre na indestrutível resistência deste nobre povo perante as invasões das tropas napoleónicas, tal como aquando da tenaz defesa do ideal liberal emergente contra o acaico absolutismo, ao ponto de D. Pedro aqui lhe ter querido legar o seu próprio coração, ou, ainda, na conturbada campanha eleitoral de Humberto Delgado, em corajosa luta contra a pérfida tirania e o vil obscurantismo cultural do ditador António Salazar, pois, na avenida com o seu próprio nome, se realizou o maior comício político de que há memória no País, e que o meu pai teve de atravessar para me ir buscar à maternidade onde a minha mãe estava internada.

Talvez que estes acontecimentos tenham contribuído, quiçá, para alguns dos meus mais marcantes traços de personalidade, tal como, penso, se poderá constatar na leitura do livro que tenho aqui o prazer de vos apresentar hoje e que escrevi com o coração apertado, a engolir as lágrimas que lentamente me escorreram pelo rosto, em alguns momentos e no mais puro dos recolhimentos, tendo somente como companheiros, a

música, o meu cão Quincy Jones e a imagem dos doentes no pensamento e cujas histórias dramáticas o povoam.

Tal como poderei, algo jocosamente especular, que o facto de ter sido gerado no Montes Hermínios, outrora habitados pelo lendário Viriato, ter ido nascer a uma Maternidade situada na mesma freguesia do Infante responsável pela Epopeia das Descobertas Marítimas, e de ter vindo ao Mundo no dia 6 de Junho, denominado “Dia D”, que possibilitou ao Humanidade começar a terminar com o hediondo regime nazi, talvez tenham, no seu conjunto, alguma enigmática relação com o facto de ter tanto gosto pelo estudo da História em geral, e da Medicina, em particular, ter uma sede imensa de calcorrear os mesmos caminhos dos nossos intrépidos navegadores, bem como de ler imensas obras que retrataram os horrores do Holocausto e de ter visitado muitos dos museus que a ele fazem referência, tanto na Polónia, como em muitos países do Mundo.

Daí, o facto de ter referido muitas destas viagens no meu livro e de nele ter escrito, algures, no texto *“Vida e morte em tempo de pandemia: uma ode em estilo de homenagem aos que, durante o seu curso, sofreram, pereceram ou sobreviveram”*, evocando memórias da minha experiência num dos dias em que estive de serviço na linha da frente na luta contra a pandemia no meu Hospital: *“O que terão pensado ... os muitos doentes ... que, embora fragilizados pela doença, mas com uma suficiente lucidez e uma sensibilidade certamente mais do que aguda? O que terá feito com que (quase) todos aceitassem tão pacificamente, sem demonstrarem, pelo menos na aparência, vontade de verbalizarem a revolta que certamente lhes trucidaria a alma? Só o olhar apelativo e triste que perscrutei por instantes em alguns deles, dizia algo do magnânimo sofrimento que lhes corroeria as entranhas. Quando anunciava a um deles que estava melhor e poderia ter alta, ou que aos que estavam a piorar, que finalmente havia uma vaga de enfermaria disponível para serem transferidos, alguns ganhavam então coragem e dirigiam-me a palavra, embora algo hesitantes: “Então, e eu?” Neste cenário dantesco, embora salvaguardando as respetivas e óbvias diferenças, só me vinha à ideia as muitas descrições que já li, feitas por alguns dos sobreviventes dos campos de concentração e extermínio polacos do Holocausto Nazi, que visitei de mão dada e no maior dos silêncios, acompanhado pela minha esposa, experiência que jamais poderei esquecer de tão esmagadora que foi, pela*

ambiência que os rodeia. É que, também aí, os seus “residentes”, aguardavam o destino de uma maneira chocantemente ordeira e sem ponta de queixume... Como dizer que isto não foi uma verdadeira catástrofe, pergunto?

Porto, 2021/11/12, José MD Poças